

27 - IV - 1955

MICROSCÓPIO

# A Verdadeira Opção

Raul Pilla

**E**M tôda a América Latina a eleição do presidente da República acarreta uma crise mais ou menos grave, que não raro abala o regime. Sômente os Estados Unidos fazem exceção à regra, mas, ainda ali, por vários meses como que se suspende a vida pública, à espera da decisão, da campanha. Agitações, revoluções, golpes de Estado acompanham frequentemente a renovação do mandato presidencial.

Compreende-se que assim seja. Não se trata, em verdade, de um normal processo democrático. Elege-se, é certo, um governante, mas tal governante é quase um ditador, tal a soma de poderes expressos ou implícitos, formais ou funcionais, que o sistema presidencial lhe confere. O presidente é um ditador constitucional, a prazo determinado. Dentro de tais limitações, não se lhe compara o poder ao de nenhum monarca ocidental moderno. Por vários anos (atualmente cinco) de uma só pessoa vão depender em grande parte os destinos do país. A eleição envolve, pois, tal soma de interesses, que se torna o fato decisivo nas democracias espúrias da América Latina. Não se elege um mandatário, designa-se um senhor. E o que importa não é tanto fazer uma boa escolha, como acertar na escolha do vencedor, para dêle auferir vantagens e compensações.

Bastaria êste aspecto a condenar o sistema presidencial na América Latina. As eleições não constituem ato democrático, mas são verdadeiras guerras de conquista, em que a corrupção e a compressão se tornam as maiores armas. Mas não é sômente o aspecto crítico dos pleitos presidenciais o que condena o sistema. Trata-se, afinal, de fenómeno transitório, como a própria campanha eleitoral. A sua mais grave consequência é a progressiva e inevitável degeneração de todo o processo democrático.

E' o que se está verificando agora, de maneira impressiva. Sômente os cegos não estarão vendo que estamos atravessando, não mais uma crise sucessória, mas uma verdadeira crise de regime. De decadência em decadência, de degeneração em degeneração chegamos a uma tal situação, que a máquina política e administrativa já não funciona.

A verdadeira opção, hoje, não é já entre candidatos, mas entre sistemas. Os candidatos, melhores ou piores, não poderão escapar do determinismo do regime que os gerou e no qual vão atuar.